

A imigração venezuelana em Boa Vista/Roraima: breve panorama dos primeiros movimentos (2015–2021)

Germano Lopes Ângelo

Universidade Federal do Amazonas

lopesgermano33@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-1876-2009>

Olendina de Carvalho Cavalcante

Universidade Federal de Roraima

dcavalcante@hotmail.com

<http://orcid.org/0009-0002-5036-6556>

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo entender algumas relações sociais, políticas e econômicas que deram início a migração venezuelana para Roraima, em específico para cidade de Boa Vista, capital do estado. O foco do artigo serão os conflitos que ocorreram a partir das representações sociais criadas acerca dos migrantes como os responsáveis pelas mazelas que assolaram o Estado no contexto das primeiras levadas migratórias. Para tanto, valer-se-á da pesquisa bibliográfica e da experiência de campo realizada durante o mestrado em Boa Vista, no qual fora feita uma pesquisa etnográfica em três espaços de sociabilidade dos migrantes venezuelanos. Inicialmente tentou-se identificar elementos históricos no país de origem, que talvez tenha impulsionado o movimento migratório sem precedentes da sua população, para em seguida, situar as condições da migração em Boa Vista. Na medida que a migração se intensificava, os boa-vistenses passaram a se incomodar ao ponto de gerar conflitos para além dos discursos xenofóbicos, o que ocasionou confrontos que culminaram em agressões físicas, tudo isso originado pela política externa contra a Venezuela e pela falta de gestão por parte dos dois últimos presidentes dessa Nação.

Palavras-chave: Boa Vista; Conflitos; Estigmas; Migrantes venezuelanos.

Venezuelan immigration in Boa Vista/Roraima: a brief overview of the first movements (2015–2021)

ABSTRACT

This article aims to understand some social, political and economic relations that gave rise to Venezuelan migration to Roraima, specifically to the city of Boa Vista, the state capital. The focus of the article will be the conflicts that occurred from the social representations created about migrants, as those responsible for the ills that devastated the State in the context of the first waves of migration. To do so, it will use bibliographical research and field experience carried out during the master's degree in Boa Vista, in which an ethnographic research was carried out in three spaces of sociability of Venezuelan migrants. Initially, an attempt was made to identify historical elements in the country of origin, which may have driven the unprecedented migratory movement of its population, and then to situate the conditions of migration in Boa Vista. As the migration intensified, the citizens of Boa Vista began to feel uncomfortable to the point of generating conflicts that went beyond xenophobic speeches, which caused clashes that culminated in physical aggression, all of which originated from the foreign policy against Venezuela and the lack of management by the last two presidents of that Nation.

Keywords: Boa Vista; Conflicts; Stigmas; Venezuelan migrants.

Inmigración venezolana en Boa Vista/Roraima: una breve reseña de los primeros movimientos (2015–2021)

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo comprender algunas relaciones sociales, políticas y económicas que dieron origen a la migración venezolana a Roraima, específicamente a la ciudad de Boa Vista, la capital del estado. El eje del artículo serán los conflictos que se produjeron a partir de las representaciones sociales creadas sobre los migrantes como responsables de los males que asolaban al Estado en el contexto de las primeras oleadas migratorias. Para ello, utilizará la investigación bibliográfica y la experiencia de campo realizada durante la maestría en Boa Vista, en la que se realizó una investigación etnográfica en tres espacios de sociabilidad de los migrantes venezolanos. Inicialmente, se intentó identificar elementos históricos en el país de origen que pudieran haber impulsado el movimiento migratorio sin precedentes de su población, y luego ubicar las condiciones de la migración en Boa Vista. A medida que se intensificaba la migración, los ciudadanos de Boa Vista comenzaron a sentirse incómodos al punto de generar conflictos que iban más allá de los discursos xenófobos, se han producido enfrentamientos que han culminado en agresiones físicas, todo ello provocado por la política exterior contra Venezuela y la falta de gestión de los dos últimos presidentes de esa nación.

Palabras clave: Boa Vista; Conflictos; Estigmas; Migrantes venezolanos.

Introdução

Imigrar ou emigrar? O venezuelano que faz parte dessa mobilidade populacional rumo ao território brasileiro, será identificado como um indivíduo migrante, pois se entende, tal qual Abdelmalek Sayad (1998), que os dois tipos de movimentos, *imigrar* e *emigrar*, atendem a ordem nacional solidária entre si. Nesse sentido, para aqueles que ficam no território de origem, o indivíduo ou indivíduos que saem, são emigrantes, já a imigração seria a ausência dos que se vão, ou seja, a origem da emigração. Assim, neste artigo, usaremos o termo migrante para nos referir ao indivíduo emigrante e imigrante como propôs Sayad (1998).

O presente artigo tem como objetivo entender algumas relações sociais, políticas e econômicas que deram início a migração venezuelana para Roraima, em específico para cidade de Boa Vista. Essa mobilidade populacional fez com que mais de 50 mil venezuelanos se estabelecessem em Boa Vista, capital do estado que faz fronteira com a Venezuela. A particularidade da migração venezuelana também recai por conta de sua rapidez, já que “[...] os países da região não estavam preparados para receber os imigrantes” (OLIVEIRA, 2019, p. 221).

A Venezuela e seu milagre econômico

As atividades econômicas que pautavam as relações políticas e sociais na Venezuela desde o início do século XX começam a mudar a partir da década de 1920, quando o país emerge como um dos maiores detentores de reserva mundial de petróleo. Assim, em fins da década de 1930, tornou-se o maior exportador de combustível fóssil, título que perde em 1971, quando a Arábia Saudita assume a liderança (MOREIRA, 2018).

A renda obtida por meio da exportação do petróleo norteou as principais relações políticas e possibilitaria a consolidação do Estado Nacional, na primeira metade do século XX. Todavia, essa renda sustentou um sistema político que favorecia apenas uma classe da sociedade venezuelana e deixava de fora uma grande parcela da população, durante o que Moreira chama de *anos de glória* da economia. Após esse período, ocorre uma desvalorização nos preços dos *commodities* que resulta no “empobrecimento sem precedentes da população e provocou uma crise política e econômica” (MOREIRA, 2018, p. 18).

Até o fim do período dos *anos de glória* da economia, as relações com os Estados Unidos eram bem próximas e longínquas. Mesmo após a Venezuela e outros países da

região alcançarem uma pseudoindependência política e econômica, continuaram subjugados às forças imperialistas americanas (NASCIMENTO; MOREIRA, 2018).

Tal relação de controle se estabelece por meio da chamada Doutrina Monroe. Com o lema “América para os americanos”, os Estados Unidos selaram sua hegemonia e controle sobre a região e impediram que países europeus intervissem em solo latino-americano (NASCIMENTO; MOREIRA, 2018, p. 3). A relação dos Estados Unidos com a Venezuela se estreitou a partir dos acordos comerciais, pois se tornou o maior comprador do petróleo venezuelano.

De acordo com Marcelo Zero (2017), a Venezuela e a Colômbia eram os aliados mais fiéis dos Estados Unidos, enquanto eles servissem aos seus interesses estratégicos. Por outro lado, no que tange aos fatores internos que propiciaram a migração que viria ocorrer no século XXI, Jefferson Luís Nascimento e Beatriz Moreira (2018) vão frisar que a instabilidade política e social na Venezuela, ocorrida entre 1908 e 1958, só seria superada após um acordo realizado entre as oligarquias econômicas para se revezarem no poder. Isso foi chamado de o *Pacto de Punto Fijo*¹ que, em tese, durou até o ano de 1989, quando o descontentamento devido as medidas impopulares adotadas pelos governos, desencadeou um movimento de resistência chamado de *Caracazo*², revolta que ceifou a vida de mais de mil pessoas. Dessa maneira, dava-se por encerrado o ciclo do *Pacto de Punto Fijo*.

Na revolta do *Caracazo* houve a morte de milhares de manifestantes que não foram cobradas pelas autoridades competentes, nem noticiadas como deveriam pela imprensa. A comunidade internacional, aliada aos interesses dos Estados Unidos, não manifestou indignação, pois os manifestantes eram apenas pessoas excluídas das relações econômicas, sociais e políticas. É nesse contexto que surge a figura de Hugo Chávez, “[...] como proposta sem precedentes na história do país, o que explica, em grande parte, a sua

¹ “[...] pacto populista de conciliação” de elites [...] o pacto de governabilidade excluía setores, como o Partido Comunista, considerados como forças desestabilizadoras do nascente sistema democrático [...]. A base material do Pacto de *Punto Fijo* foi dada pela distribuição clientelista da renda petrolífera. A existência do petróleo condicionou a forma de intervenção do Estado na economia, e também a relação deste com o restante dos atores políticos, tais como partidos, sindicatos, forças armadas e setor privado” (VILLA, 2005, p. 153).

² “[...] teve seu início de maneira espontânea, sem participação de nenhum partido político aconteceu quando os donos das empresas de transporte urbano de Caracas decidiram aumentar o preço da passagem acima da cota de 30% estipulada pelo governo [...] os principais protagonistas dessa mobilização popular foram sujeitos [...] das zonas marginais” (HITNER, 2011, p. 17).

popularidade nas camadas historicamente excluídas do povo venezuelano” (ZERO, 2017, p. 5).

Hugo Chávez emerge como uma “[...] nova força política [...] o então, tenente-coronel do Exército articulou um golpe de Estado contra o presidente Carlos Andrés Pérez, mas fracassou [...] decidiu concorrer à eleição para presidente” (NASCIMENTO; MOREIRA, 2018, p. 4), e se elegeu presidente com mais de 56% dos votos no ano de 1998, assumindo a presidência em 1999.

Esses eventos seriam o marco zero para uma nova era na Venezuela, pois as relações políticas e econômicas não seriam as mesmas. Internamente, entre o governo e as oligarquias e externamente com os Estados Unidos, com quem, até então, mantinha uma estreita relação econômica e política a partir dos anos 20 do século passado, quando “[...] o petróleo se torna o principal produto de exportação da Venezuela, atraindo ainda mais interesse econômico dos estadunidenses cujo desenvolvimento industrial estava a todo vapor” (NASCIMENTO; MOREIRA, 2018, p. 3).

Ao assumir o poder, Hugo Chávez mudou a Carta Magna da Venezuela buscando integrar a população nas tomadas de decisões do governo. Em 11 de abril de 2002, sofreu um golpe de estado, mas em menos de 48 horas foi restituído ao cargo. A oposição ainda se manteve firme, procurando desestabilizar o seu governo. Para isso, procuraram atingir a esfera econômica ao paralisarem as atividades laborais no setor petrolífero, “[...] com o intuito de prejudicar o governo bolivariano” (NASCIMENTO; MOREIRA, 2018, p. 4).

No entanto, “apesar da forte oposição, Hugo Chávez manteve-se firme no poder e, uma vez normalizada a produção do petróleo, intensificou as políticas de distribuição de renda, que ajudaram a reduzir a desigualdade social” (NASCIMENTO; MOREIRA, 2018, p. 4). Em um levantamento realizado por Zero (2017) sobre a pobreza na Venezuela, em 1996 o índice de pobreza era de 70%, caindo para um 21% em 2010.

Ainda nesse contexto, Mônica Naves e Pedro Cícero (2016) informam que, a partir da implementação de políticas públicas voltadas as classes menos favorecidas no governo Chávez, “[...] a vida da população mais pobre prosperou devido à implementação de programas governamentais [...], tais medidas transformaram a história social e política da Venezuela” (NAVES; CÍCERO, 2016, p. 4).

Os avanços na busca pela redução das desigualdades sociais se deram graças a política de distribuição de renda oriunda do petróleo durante o governo Chávez. Tal renda foi seu pilar na busca por melhor índices sociais. Segundo Nascimento e Moreira (2018) a

não diversificação da produção econômica tornou a Venezuela intrinsecamente dependente da exportação do petróleo, pois representava quase 90 % de todas suas exportações. Dessa maneira, a Venezuela se tornou muito vulnerável às variações de preço da *commodity*.

Há autores que chamam a atenção para política de dependência da renda do petróleo como modelo econômico, estrutura econômica herdada de governos anteriores que se mantiveram ao longo do governo Chávez, não havendo diversificação do campo da produção econômica. Dessa maneira, segundo Naves e Cícero (2016), a Venezuela ficou sujeita a conjuntura internacional, quando o preço do petróleo estava em alta, a economia da Venezuela apresentava índices de crescimento, mas não de desenvolvimento, isso seria apenas um momento favorável.

Na esfera da política internacional o governo de Hugo Chávez, “[...] estabeleceu relações próximas com a Rússia, China e Cuba e passou a apoiar experiências políticas que divergem da ordem mundial dominada pelos interesses dos EUA” (ZERO, 2017, p. 6).

Nas relações políticas internas, o governo de Chávez, “[...] organizou e mobilizou as massas destituídas da Venezuela, bem como passou a dominar setores importantes do aparelho de Estado, como as Forças Armadas e o poder judiciário” (ZERO, 2017, p. 6). Ainda neste contexto, Zero (2017) aponta que esse movimento realizado pelo governo Chávez acabou privando as oligarquias de seus principais instrumentos de intervenção política.

Em razão disso, o governo viria sofrer reações nada favoráveis como resposta a seu posicionamento contrário aos interesses dos Estados Unidos. Isso ficaria claro, internamente, com o golpe de Estado que sofrera em 2002. Segundo Zero (2017), as oligarquias que controlavam a estatal do petróleo da Venezuela iriam boicotar o governo ao suspender toda atividade ligada a produção e exportação do petróleo, o que afetaria drasticamente a economia venezuelana entre os anos de 2002 e 2003.

Tal situação deixa claro que as oligarquias “[...] não têm pruridos em arruinar a economia do país, desde que isso signifique uma oportunidade para voltar a controlar o poder perdido” (ZERO, 2017, p. 8). Isso terminaria afetando, principalmente, os setores mais pobres, aqueles que só têm a sua força de trabalho com principal ferramenta para sua sobrevivência.

Situação essa que se intensificaria com a morte de Hugo Chávez em 5 de março de 2013. Em 14 de abril do mesmo ano, quase um mês depois, foi realizada a eleição para o

cargo de presidente da república, na qual foi eleito Nicolas Maduro, herdeiro político de Chávez, que está no poder até os dias atuais. Maduro se elege por uma pequena margem de votos, pouco mais de 2%, contra o candidato da oposição, Henrique Capriles Radoski.

A campanha para retirar do poder o chavismo continua, assim, os setores mais radicais foram liderados Leopoldo Lopez, estes “[...]iniciaram o processo denominado de *la salida* [...]”. Trata-se de uma estratégia que teve êxito na chamada revolução colorida da Ucrânia” (ZERO, 2017, p. 8). Tal estratégia foi usada para derrubar o governo da Ucrânia, financiada e estimulada diretamente pelos Estados Unidos.

Essa breve digressão histórica é importante para entender o processo atual que tem início no governo Maduro: o aumento da migração de sua população. A partir dos autores supracitados, conclui-se que alguns fatores principais podem ser elencados no desencadeamento da crise sem precedentes na Venezuela, o que levou a sua população a migrar em busca de sobrevivência. Fugindo da fome, da violência e entre outros males que se originaram a partir da queda do preço do petróleo e do bloqueio financeiro não oficial por parte dos Estados Unidos. Segundo Zero (2017), este bloqueio “[...] consiste em tornar cada vez mais difícil e caro para a República e, especialmente, PDVSA³, o acesso ao crédito no mercado internacional e obstaculizar as transações financeiras” (ZERO, 2017, p. 10).

A partir de julho de 2017, o novo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, passa a executar uma política mais dura contra a Venezuela, “[...] com a aprovação de sanções contra o presidente Nicolás Maduro e sua cúpula de governo” (MARTÍNEZ; PEDROSO; FRANZONI, 2018, p. 6).

Na busca por derrubar o chavismo do poder na Venezuela, as alianças externas e internas se intensificam. Isso fica em evidência a partir das novas agressões por parte dos Estados Unidos da América por meio das intensificações do bloqueio ao seu principal meio econômico (petróleo) e por meio de uma guerra econômica⁴ em curso que afetou diretamente as camadas sociais mais carentes da Venezuela. Essas ações foram minando

³ *Petróleos de Venezuela* (PDVSA), empresa estatal de petróleo da Venezuela.

⁴ “Entre os instrumentos utilizados nessa guerra econômica estão: 1) o desabastecimento programado de bens essenciais; 2) a inflação induzida; 3) o boicote a bens de primeira necessidade; 4) o embargo comercial disfarçado; e 5) o bloqueio financeiro internacional. O desabastecimento é produzido pela especulação cambial e pelo boicote político. O governo fornece aos importadores e comerciantes dólares cotados, pelo câmbio oficial [...] os importadores não importam o que deveriam e depositam os dólares no exterior [...] dos alimentos comprados são contrabandeados para o exterior, principalmente para a Colômbia, onde são vendidos com muito lucro. Outra parte é vendida no mercado interno, mas a preços excessivos, gerando carestia e inflação” (ZERO, 2017, p. 10).

aos poucos a situação social, o que originou carência no segmento populacional citado. Assim, contribuíram para o início dessa migração da população que buscava fugir da fome, da violência, entre outras mazelas surgidas na esteira da crise econômica, política e social instaurada no país.

Em relação à guerra econômica, por exemplo, enquanto eram noticiadas a falta de medicamentos e alimentos na Venezuela no ano de 2014, segundo Zero (2017), as importações aumentaram em comparação ao ano de 2004, a falta dos diversos produtos de primeira necessidade, “[...] peças para transporte e outros, bem como as longas filas, não podem ser explicadas porque o setor privado não conseguiu receber uma quantidade suficiente de dinheiro para as importações” (ZERO, 2017, p. 10). O dinheiro destinado à compra foi desviado e os poucos produtos adquiridos eram vendidos a preços exorbitantes, quando não vendidos na Colômbia, tudo isso com o propósito de derrubar o governo de Nicolas Maduro.

De tal modo, os problemas sociais advindos da crise econômica e política instaurada no governo de Hugo Chávez agravaram-se no governo do seu sucessor e herdeiro político. Em consequência, deu-se início a uma mobilidade de sua população rumo aos países fronteiriços. No caso do Brasil, em um primeiro momento, essa migração deu-se por circulação.

Logo, o movimento migratório acompanhou a intensificação da crise interna, e assim, nos anos anteriores a 2016, registra-se o ingresso de centenas de venezuelanos no território brasileiro, não mais praticando uma migração por circulação e sim, em busca de sobrevivência. Dessa maneira, é registrada a entrada de mais 500 migrantes venezuelanos por dia no território brasileiro (OTERO; TORELLY; RODRIGUES, 2018).

Cabe ressaltar que quase metade do quantitativo que ingressou no Brasil optou por se estabelecer na cidade de Boa Vista, que já possuía problemas em sua estrutura nas áreas da saúde, educação e trabalho. A Folha de São Paulo, em sua edição de 29 de janeiro de 2018, afirmou a existência de 40 mil migrantes morando na capital do estado, quantitativo que representava pouco mais de 10% da população local.

As primeiras cidades do estado de Roraima a experimentarem a presença significativa dos migrantes venezuelanos foram às cidades de Pacaraima e a capital do estado, Boa Vista. A primeira fica distante, pouco mais de 20 quilômetros, da primeira cidade venezuelana, Santa Elena de Uairén. A segunda está localizada a pouco mais de 220 quilômetros da fronteira com a Venezuela.

Migração venezuelana em território brasileiro

A presente pesquisa foi realizada entre os anos de 2018 e 2021 e foi intitulada *Matica*: migrantes venezuelanos e trabalho temporário em Boa Vista-RR (2021). Trata-se de uma etnografia realizada em três espaços de sociabilidade apropriados pelos venezuelanos, nos quais eles aguardam trabalho, atividade pela qual buscam se inserir na sociedade boavistense. Esses espaços também servem como redes migratórias e, no seu interior, ocorre o capital social de solidariedade de Oswaldo Truzzi (2008) e a solidariedade interna de Antônio da Silva (2017).

A migração venezuelana, em um primeiro momento, apenas se dava de forma circular. As pessoas atravessavam a fronteira em busca de alimentos, medicamentos e trabalho. No entanto, ao se agravar a crise econômica na Venezuela, estas passaram a cruzar a fronteira para se instalar nas duas cidades localizadas às margens da BR-174, Pacaraima e Boa Vista.

No ano de 2018, o movimento migratório intensifica-se e os venezuelanos partem rumo aos países vizinhos e países não fronteiriços da América do Sul, configurando-se da seguinte maneira, segundo José Egas (2018, p. 32): Colômbia acolheu um milhão de migrantes; Peru meio milhão; Equador mais de duzentos mil; Argentina mais de cem mil; Chile e Panamá aproximadamente noventa e quatro mil e um dos países que recebeu menos migrantes na América do Sul foi o Brasil, com oitenta e cinco mil migrantes no ano de 2018. Colômbia e o Brasil fazem fronteira com a Venezuela, no entanto, o Brasil recebeu 91,5% menos migrantes que a Colômbia e menos que outros países que não fazem fronteira com o país. Levando em consideração a língua e a densidade populacional da Venezuela nos espaços que ficam mais próximos da fronteira com o Brasil, teríamos como justificar parte desse baixo movimento migratório ao território nacional.

Um ano antes, ou seja, em 2017, a migração venezuelana ganhou proporções nunca antes vistas na cidade de Boa Vista. A demanda por abrigos começou a ser uma realidade. As praças, em especial a Praça Simón Bolívar, e as ruas próximas da rodoviária internacional, estavam tomadas por moradias improvisadas. A partir desse fenômeno, instituições religiosas, organizações não religiosas e a população civil, organizaram coletas e distribuições de alimentos, cobertores e roupas e também ofereceram abrigo a uma pequena parcela dos migrantes mais vulneráveis e aos fiéis que praticavam as religiões dessas instituições.

No início do ano de 2017, ainda não existiam abrigos oficiais. No ginásio da Escola Estadual Dr. Ulysses Guimarães, cedido pelo governo do estado, funcionava um espaço improvisado onde os migrantes aglomeravam-se. Outros migrantes ainda estavam instalados nas margens da rodoviária internacional, na Praça Simón Bolívar, e em outros locais dentro do perímetro urbano da cidade.

Em 2016, a prefeitura de Boa Vista, solicitou uma reunião no gabinete da Casa Civil da Presidência da República para tratar sobre a crise em evidência. No entanto, só em 2018, durante o mandato de Michel Temer, foi assinada uma medida provisória e dois decretos, que tinham como objeto a preocupação voltada à vulnerabilidade dos venezuelanos. Desse modo, foi criada a Operação Acolhida, que envolveu vários órgãos da esfera federal, estadual e municipal, além de agências internacionais, organizações não governamentais e as Forças Armadas.

Os recursos para o funcionamento da Operação Acolhida “[...] provêm, na maioria dos casos, do próprio governo federal [...], do próprio orçamento da ONU ou de doações de países centrais, como Japão, Canadá, EUA e países da União Europeia” (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2020, p. 55). De acordo com o exposto na introdução, um dos principais responsáveis pela migração dos venezuelanos seria o presidente dos Estados Unidos da América, no entanto, este país é um dos países que doam recursos para a Operação Acolhida.

Como diria Michel Agier (2006), uma mão que fere, outra que socorre. Esse autor traz uma reflexão sobre a participação dos Estados Unidos da América em dois conflitos originados por ele no oriente médio, especificamente o bombardeio e invasão em 2001 do Afeganistão e em 2003 do Iraque. Esses bombardeios, ora de bombas, ora de alimentos e medicamentos, ocasionaram uma migração forçada da população desses países.

No caso do Afeganistão, os Estados Unidos da América, segundo Agier (2006), abriram no Paquistão espaços do ACNUR, ao longo da fronteira com o objetivo de funcionarem como campos para abrigar refugiados afegãos, para isso, forneceram 80 mil tendas, milhares de cobertores.

No Brasil, a Operação Acolhida iniciou suas atividades no dia 14 de março de 2018, mesmo ano em que foram assinados a medida e os decretos, chefiada pelo General de

Divisão Eduardo Pazuello, general que esteve também à frente da Secretaria da Fazenda (Sefaz) durante o processo de intervenção⁵ federal no estado de Roraima.

A Operação Acolhida

A Operação Acolhida é executada e coordenada pelo governo federal, em conjunto com mais de uma centena de entidades da sociedade civil, e sobre ela, pode-se dizer que:

Desde o início da crise migratória, até janeiro de 2020, estima-se que mais de 264 mil migrantes e refugiados venezuelanos entraram e permaneceram no Brasil. A Operação Acolhida está organizada em três eixos:

- 1) ordenamento da fronteira - documentação, vacinação e operação controle do Exército Brasileiro;
- 2) acolhimento - oferta de abrigo, alimentação e atenção à saúde;
- 3) interiorização - deslocamento voluntário de migrantes e refugiados venezuelanos de RR para outras Unidades da Federação, com objetivo de inclusão socioeconômica.

Em 2019, a Operação Acolhida teve continuidade, organizando a chegada, garantindo atenção à saúde e fortalecendo a interiorização de milhares de migrantes e refugiados venezuelanos que chegam pela fronteira.

Ao entrar no País, o migrante e refugiado venezuelano dirige-se ao Posto de Recepção e Identificação (PRI). Enquanto aguarda atendimento, recebe água, lanche e pode utilizar banheiros. O posto controla e organiza [...], realizando a expedição de documentos e oferecendo auxílio médico aos migrantes e refugiados venezuelanos em sua chegada. Em seguida, são encaminhados para um dos 13 abrigos e para o processo de interiorização. (BRASIL, 2020).

Segundo o site do governo federal que abriga a plataforma da Operação Acolhida, até o ano de 2021, foram atendidos mais de 890 mil migrantes, dos quais mais de 265 mil solicitaram regularização migratória, quase 130 mil solicitaram residência e mais de 250 mil Cadastro de Pessoas Físicas (CPF) foram emitidos, entre outros serviços. Os abrigos temporários em 2021 somam 13 ao total, 2 na cidade de Pacaraima e 11 na capital do estado de Roraima.

No que tange ao processo de interiorização, o site informa que o governo federal e parceiros (Agências das Nações Unidas e organizações da sociedade civil) oferecem inserção social e econômica aos migrantes com o objetivo de aliviar a carga dos serviços públicos no estado de Roraima. No total já foram interiorizadas mais de 30 mil pessoas

⁵ De acordo com matéria do G1-RR (2018), o estado de Roraima, sem pagar os servidores públicos, teve paralisações de policiais, quartéis fechados, protestos e greve geral. Ocorreu também a prisão do filho da governadora, além de crise no sistema penitenciário e a chegada em massa de venezuelanos.

para mais de quatrocentas cidades no interior do Brasil, isso até 2020. Assim, o processo de interiorização é realizado apenas com:

[...] os migrantes e refugiados venezuelanos regularizados no Brasil, imunizados, avaliados clinicamente e com termo de voluntariedade assinado podem participar das ações. Existem diferentes modalidades, que incluem: saída de abrigos em RR para abrigos em uma das cidades de destino; reunificação familiar; reunião social; e com vaga de trabalho sinalizada. Os abrigos nas cidades-destino podem ser estaduais, municipais, da sociedade civil ou federal mistos, com moradia fornecida por entidade da sociedade civil ou organização religiosa. (BRASIL, 2020).

A Operação Acolhida iniciou suas atividades em 14 de março 2018 e, cinco dias depois, estourou o primeiro conflito entre boa-vistenses e migrantes venezuelanos. O site de notícias G1-RR trazia em sua manchete de 19 de março de 2018 que “Moradores ateam fogo em objetos e expulsam venezuelanos de prédio abandonado durante protesto em RR”⁶. O fato ocorreu no interior do estado, na cidade de Mucajaí, cerca de 50 quilômetros aproximadamente da capital, localizada à beira da BR-174 sentido à capital do estado do Amazonas.

Após cinco meses ocorreu um novo conflito, dessa vez, na cidade que faz fronteira com a Venezuela, considerada porta de entrada dos migrantes. No site de notícias do G1-RR, em uma matéria veiculada no dia 18 de agosto de 2018, pode-se ler: “Prefiro morrer de fome na Venezuela do que ser agredido aqui, diz migrante atacado por brasileiros na fronteira em RR” (G1-RR, 2018)⁷.

⁶ O protesto teve a participação de 300 moradores, segundo a Polícia Militar. Os organizadores não divulgaram estimativa de público. Durante a manifestação, os moradores entraram no prédio de uma escola abandonada onde os imigrantes se abrigaram, reviraram e destruíram algumas coisas, atearam fogo em outras e expulsaram os venezuelanos do local. Disponível em: <g1.globo.com/rr/roraima/noticia/moradores-ateiam-fogo-em-objetos-e-expulsam-venezuelanos-de-predio-em-cidade-no-interior-de-rr.ghtml>. Acesso em: 13 jun. 2023.

⁷ “O tumulto na fronteira começou por volta das 7h deste sábado quando moradores de Pacaraima incendiaram pertences de imigrantes depois de um comerciante brasileiro ter sido assaltado na cidade. A suspeita é que venezuelanos tenham cometido o crime, o que revoltou a população. A venezuelana Mariver Guevara, de 42 anos, também vivia com a filha de 13 anos no mesmo acampamento. [...] “Chegaram nos atacando, atirando pedras, garrafas. Foi muito violento. Aqui moravam crianças, mulheres, recém nascidos de dois meses. As pessoas saíram correndo. Foram empurradas. Durante a tarde, as ruas de Pacaraima ficaram vazias. As lojas do comércio estavam fechadas e o cenário era de destruição nos locais onde viviam os imigrantes. No Centro de Triagem, onde os venezuelanos passam para se regularizar no Brasil, também não havia ninguém”, Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/08/18/prefiro-morrer-de-fome-na-venezuela-do-que-agredido-aqui-diz-imigrante-atacado-por-brasileiros-na-fronteira-em-rr.ghtml>. Acesso em: 13 jun. 2023.

Nesse mesmo ano, quase um mês após as manifestações em Pacaraima, no dia 7 de setembro, a manchete do site O Globo.com informava: “Suspeito de assassinar brasileiro, venezuelano é morto a pauladas em Roraima” (G1-RR, 2018)⁸. Outro conflito envolvendo manifestações a favor da expulsão dos migrantes venezuelanos, dessa vez na capital do estado de Roraima, ocorreu um dia após a morte do brasileiro⁹.

Foi nesse contexto que a migração se intensificou. Segundo Antônio Oliveira (2019), o migrante venezuelano optou pelo refúgio como estratégia para ingressar no Brasil, já que não existia amparo legal para eles. Ainda neste contexto, o autor afirma que a maioria dos migrantes migrou por fome e não porque foram perseguidos pelo governo venezuelano ou por alguma outra Instituição.

Essa situação colocava o governo brasileiro ante dois dilemas: o primeiro o de não possuir estrutura administrativa para analisar todos os processos em tempo razoavelmente hábil; o segundo de que, ao final da análise, a solicitação de refúgio teria o pedido negado, o que implicaria em ter que deportá-los, mesmo tendo clara a dimensão da crise econômica, social e política do outro lado da fronteira.

Nesse sentido, foi necessário criar uma normativa que permitisse a acolhida dos imigrantes venezuelanos no Brasil de forma regular, sem que isso gerasse um problema geopolítico com a Venezuela, dado que o governo Maduro insistia/insiste em negar a existência de qualquer tipo de crise em seu país. Assim, após alguns malabarismos, foi editada, pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg), em 02/03/2017, a Resolução Normativa (RN) nº 126, com o seguinte teor:

Art. 1º Poderá ser concedida residência temporária, por um prazo de até 2 anos, ao estrangeiro que tenha ingressado no território brasileiro por via terrestre e seja nacional de país fronteiriço, para o qual ainda não esteja em vigor o Acordo de Residência para Nacionais de Estados Partes do MERCOSUL e países associados. (OLIVEIRA, 2019, p. 236).

⁸ “Na noite dos crimes, testemunhas relataram à Polícia Militar que o imigrante teria furtado um mercado e, ao ser capturado por Manoel de Sousa, desferiu uma facada no pescoço dele. Em seguida, o venezuelano foi linchado. Ele teve o corpo arrastado até o local onde vivia - [um acampamento nos arredores do abrigo Jardim Floresta](#). Ninguém foi preso e a [Polícia Civil investiga as duas mortes](#). O corpo do venezuelano continuava no Instituto Médico Legal até o início desta tarde”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/suspeito-de-assassinar-brasileiro-venezuelano-morto-pauladas-em-roraima-23050893>. Acesso em: 13 jun. 2023.

⁹ “Brasileiros fizeram uma manifestação neste sábado (8), em [Boa Vista](#), após a morte do [pintor Manoel Siqueira de Souza, 35, na quinta \(6\)](#). No ato, eles percorreram ruas do bairro Jardim Floresta, na zona Oeste, exigiram a expulsão de venezuelanos de Roraima, o fechamento da fronteira, e punição ao crime. Após cortejo, corpo de brasileiro esfaqueado por venezuelano durante confusão é enterrado em Boa Vista” (G1-RR, 2018). Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/09/08/apos-cortejo-brasileiro-esfaqueado-por-venezuelano-durante-confusao-e-enterrado-em-boa-vista.ghtml>. Acesso em: 13 jun. 2023.

Assim, os migrantes venezuelanos passaram a ter outro “[...] amparo legal, além da solicitação de refúgio, para viver em situação regular no país. [...]. Os pedidos de residência temporária ganhavam expressão em comparação com as solicitações de refúgio” (OLIVEIRA, 2019, p. 237).

Ainda nesse contexto, Oliveira (2019) vai criticar a falta de engajamento de maneira articulada por parte dos governos estadual e municipal, pois, para estes, a migração representava uma ameaça

[...] nos serviços públicos básicos, em especial, no de saúde. Grande parte da demora no enfrentamento da questão residiu no fato de não existir instância que faça a gestão das políticas migratórias, hoje dispersa pelos Ministérios da Justiça, Trabalho e Relações Exteriores, além de não haver ações integradas com os governos estaduais e municipais. (OLIVEIRA, 2019, p. 238).

Diante da crise humanitária instaurada no estado de Roraima devido à falta de organização por parte das autoridades brasileiras responsáveis pelas questões sociais no que diz respeito à migração:

o governo federal adotou em 2018, as seguintes medidas: i) criou um grupo de trabalho, coordenado pelo Ministério da Defesa, para efetivamente tratar a questão migratória em Roraima; ii) reeditou nova resolução normativa para conceder visto de residência temporária aos venezuelanos; iii) aprovou Medida Provisória destinando R\$ 190 milhões para ser aplicado em medidas de acolhimento; iv) firmou acordo de cooperação com o ACNUR para a implantação de novos abrigos e fornecimento de alimentação para os imigrantes; v) propôs incentivar a interiorização dos imigrantes que assim o desejarem; e vi) iniciou campanha de vacinação da população venezuelana em Roraima. (BRASIL, 2020).

Mesmo com as implementações feitas pelo governo federal, o tema migração continuou sendo plataforma política em si. A governadora do estado¹⁰ pediu o fechamento

¹⁰ “Governadora disse que o estado não está conseguindo lidar com a quantidade de imigrantes. Relatora do pedido será a ministra Rosa Weber (G1-RR. Roraima entra com ação no STF para pedir fechamento da fronteira com a Venezuela, 2018). O governo de Roraima entrou com uma ação no Supremo Tribunal Federal pedindo o fechamento da fronteira com a Venezuela. Roraima virou o principal destino no Brasil de quem foge da crise econômica e política na Venezuela. Nos registros da Polícia Federal, mais de 24 mil entraram no estado nos dois primeiros meses deste ano. A prefeitura de Boa Vista calcula que 40 mil estejam vivendo na capital, inclusive em abrigos e praças. O governo de Roraima afirma que não tem condições de lidar com a entrada de tantos venezuelanos no estado e quer o fechamento da fronteira entre Brasil e Venezuela. A ação foi protocolada no Supremo Tribunal Federal pela governadora de Roraima, Suely Campos”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/04/governo-de-roraima-pede-fechamento-da-fronteira-com-venezuela.html>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

da fronteira argumentando a impossibilidade de atendimento aos migrantes nos serviços públicos. Segundo Oliveira (2019), a governadora reclamava do não recebimento de verbas por parte da União, isso devido a que uma grande parcela dos recursos para tratar da migração venezuelana foi repassada ao Ministério da Defesa e não ao Estado e municípios.

Nesse contexto, a migração venezuelana no Brasil, especificamente nas cidades de Pacaraima e Boa Vista, e só depois de algum tempo em Manaus, Amazonas, entre outros estados da federação, deu-se por meio da iniciativa própria do migrante e suas redes, principalmente em decorrência da fome que assolava o país vizinho, em virtude de problemas políticos internacionais que terminaram por punir uma grande parcela de sua população.

O Brasil, por fazer fronteira com a Venezuela, e ter acesso terrestre, proporcionou a vinda de muitos migrantes por meio dos seus sistemas de transportes baratos até a cidade de Santa Elena de Uairén, e os que não tinham condições financeiras, ao se depararem com os preços dos transportes no território brasileiro, optaram por caminhar até a capital de Boa Vista.

Antes da intensificação do movimento migratório, os venezuelanos atravessavam a fronteira apenas para realizarem compras na cidade de Pacaraima ou na capital do estado. A migração nesse período era uma migração por circulação¹¹ e, só a partir de 2017, este movimento ganha expressividade, pois era observado a presença de muitos migrantes venezuelanos nas ruas da capital e na cidade de Pacaraima que não estavam mais na migração por circulação e sim, uma migração por redes. Estavam no território brasileiro em busca de sobreviver, para isso vieram ficar, estabelecer-se.

Em uma migração por sobrevivência como a praticada pelos migrantes venezuelanos após 2017, as redes sociais terão papel importante na rapidez do movimento migratório ao território brasileiro, em primeiro momento, rumo a capital do estado de Roraima.

¹¹ “A crise econômica na Venezuela está provocando uma corrida de venezuelanos a Pacaraima, cidade no Norte de Roraima e na fronteira com o país. Diariamente, centenas de pessoas chegam ao município, que tem pouco mais de 10 mil habitantes, em busca de comida e remédios. O comércio de Pacaraima, que fica a 250 km de Boa Vista, tem funcionado de domingo a domingo, e a movimentação é grande já nas primeiras horas do dia. No último sábado (16), às 9h a cidade já estava lotada de venezuelanos. Alguns viajam até um dia inteiro para comprar remédios e comida”. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/video/crise-na-venezuela-provoca-corrida-por-alimentos-na-fronteira-de-roraima-5170883.ghtml>. Acesso em: 13 jun. 2023.

Migração e migração em rede

Como fenômeno global, a migração venezuelana no Brasil “contribui para a compreensão do contexto migratório em nível mundial” (OLIVEIRA; SARMENTO; VALERIO, 2020, p. 60). Ainda nesse trabalho, os autores apresentam o relatório do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da Organização das Nações Unidas — (Desa/ONU), chamando a atenção para o quantitativo no que diz respeito aos que migraram no ano de 2019.

Em 2019 o número de migrantes somava 272 milhões de pessoas, isso era aproximadamente a soma da população de países como Bolívia, Cuba, Espanha, Haiti, Marrocos, México e Venezuela. Nesse contingente encontram-se os haitianos que podemos tomar como exemplo para entender as redes migratórias em processo recente de mobilidade populacional de um país ao território brasileiro.

O terremoto que castigou o Haiti¹² em 2010, segundo Rosana Baeninger e Roberta Peres (2017, p. 122), deu início a uma mobilização populacional daquele país com destino ao Brasil. Em 2015, mais de 85 mil migraram para o território brasileiro, após as restrições impostas pelos Estados Unidos e Europa para receber esse contingente e devido à forte presença militar do Exército Brasileiro que assumiu o comando da Missão Internacional das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti.

O governo brasileiro outorgou o visto humanitário e a carteira de trabalho aos migrantes para estarem de forma regularizada no país, gesto possível graças às resoluções normativas criadas para tentar amenizar a situação dos haitianos no Brasil.

Por outro lado, no que diz respeito à inserção laboral, Baeninger e Peres (2017) salientam que:

Logo, no âmbito da migração de crise refere-se à maneira como a sociedade receptora constrói a noção do outro e sua “inserção” nesta sociedade: imigrantes haitianos e haitianas foram convertidos em imigrantes trabalhadores com carteira de trabalho. A possibilidade de contar com a carteira de trabalho para imigrantes do Haiti se refletiu na inserção dessa imigração no mercado formal de trabalho no Brasil: os vínculos formais de trabalho ampliaram-se de 508, em 2011, para 23.017, em 2014. (BAENINGER; PERES, 2017, p 134).

¹² “O terremoto que devastou o [Haiti](#) e deixou cerca de 300 mil mortos e mais 300 mil feridos faz hoje (12) 10 anos. O terremoto agravou as condições de miséria do país mais pobre das Américas. Um milhão e meio de pessoas ficaram desabrigadas”. Disponível em: <https://exame.com/mundo/terremoto-que-matou-300-mil-no-haiti-faz-10-anos/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

Sobre a migração por redes, no caso dos migrantes haitianos, Duval Fernandes e Andressa Virgínia de Faria (2017) mencionam os “coiotes¹³” como maiores incentivadores dessa migração, já que ofereciam os caminhos certos até a fronteira com o Brasil, que, segundo eles, o Brasil não teria sido afetado pela crise econômica de 2008, neste país “[...] havia insuficiência de mão de obra e que a empregabilidade era instantânea no país, com salários mensais que poderiam chegar a U\$1.000” (FERNANDES; FARIA, 2017, p. 151).

Pode-se compreender, visto por esse contexto, o desbravamento dos primeiros migrantes que, a partir de suas redes sociais, ampliaram as redes migratórias para além do agenciamento dos “coiotes”. O que dava credibilidade ao discurso dos “coiotes” era as grandes obras que estavam acontecendo no Brasil em decorrência das Olimpíadas e da Copa do Mundo, tais informações poderiam ser corroboradas por meio de *sites* na internet, porém, nada mais confiável que o agenciamento dos familiares ou amigos que vieram na frente.

Segundo Sidney da Silva (2017), a principal rede migratória no caso dos haitianos foi desempenhada pela:

rede de acolhida da Igreja Católica, denominada Pastoral do Migrante, já que essa organização está presente em várias cidades brasileiras, desde o Norte, passando pelo Centro-Oeste, o Sudeste até o Sul do Brasil. [...] É evidente que as pessoas migram por diferentes motivos, mas o fazem como partícipes de um processo social mais amplo que, no caso dos haitianos, parece apontar, sobretudo, para um empreendimento predominantemente familiar, seja da família nuclear ou ampliada, com suas implicações no âmbito das lealdades pessoais e grupais, que se transformam em compromissos morais de retribuir a quem contribuiu um dia para a sua partida. (SILVA, 2017, p. 100).

Além da Igreja Católica e das redes sociais do migrante para empreender rumo ao Brasil, foram usadas empresas de viagens que ofereciam as informações que os possibilitariam chegarem até a fronteira brasileira.

No caso da migração haitiana em rede observa-se que os primeiros migrantes criaram a rede migratória a partir das informações compartilhadas pela internet, empresas

¹³ Pessoas que agenciam migrantes em troca de dinheiro para fazerem travessias entre fronteiras fixas. Para compreender um pouco mais o que seria um coioite citamos Assis (2008) que diz que os “coiotes” são, em geral, mexicanos que cobram muito caro para atravessar imigrantes clandestinamente do México para os Estados Unidos através da fronteira — num tráfico de migrantes que tem crescido à medida que crescem as medidas restritivas à migração” (ASSIS, 2008, p. 228).

de viagens, “coiotes” e a Igreja Católica. A partir desses movimentos, os migrantes haitianos passariam a ser o que Oswaldo Truzzi (2008, p. 212) denominaria de “[...] o capital social de solidariedade, que produz sustentação mútua entre os integrantes da rede”.

Weber Soares (2002) faz uma reflexão das redes que envolvem os movimentos populacionais e os tipifica da seguinte maneira:

Redes sociais, redes pessoais e redes migratórias. i. rede social consiste no conjunto de pessoas, organizações ou instituições sociais que estão conectadas por algum tipo de relação. Uma rede social, em virtude do processo em torno do qual ela se organiza, pode abrigar várias redes sociais; ii. Rede pessoal representa, então, um tipo de rede social que se funda em relações sociais de amizade, parentesco etc.; iii. Rede migratória não se confunde com redes pessoais; estas redes precedem a migração e são adaptadas a um fim específico: a ação de migrar; iv. Rede migratória, cujas singularidades dependem da natureza dos contextos sociais que ela articula, é, também, um tipo específico de rede social que agrega redes sociais existentes e enseja a criação de outras; consiste, portanto, em rede de redes sociais [...] Logo, da rede migratória, fazem parte certas representações sociais que constituem o cerne da cultura migratória. (SOARES, 2002, p. 12).

O contexto no qual os futuros migrantes estão inseridos será fundamental para que ocorra uma mobilidade humana, desde a migração econômica a uma migração por sobrevivência. Não debatemos, neste trabalho, instituições como refúgio, entre outros, pois, compreendemos que são duas reflexões diferentes no que diz respeito a ser migrante e refugiado.

Assim, a migração haitiana pode ser considerada também como a de sobrevivência. Nesse sentido, como no caso dos venezuelanos, segundo Betts (2010, *apud* ALMEIDA; NEPOMUCENO; MIRANDA, 2015), esses usam as redes migratórias e as redes sociais desenvolvidas enquanto migrantes em trânsito.

O espaço ocupado como ponto de encontro ou de estadia provisória para os migrantes venezuelanos no início da migração à cidade de Boa Vista foi a Praça Simón Bolívar, lembrando que Simón José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar é considerado um herói nacional na Venezuela, pois foi um revolucionário que auxiliou no processo de independência da Venezuela, bem como da Colômbia, Peru e Bolívia.

No entanto, vale lembrar que não foi um movimento coordenado para ocupar o espaço por ter o nome de um herói venezuelano: os migrantes chegaram e ocuparam esse

espaço, que fica localizado numa rotatória que dá entrada a cidade a partir de Manaus e da Guiana Inglesa, em frente ao Hospital da Criança Santo Antônio, próximo ao terminal rodoviário estadual. Além disso, tem um posto de gasolina cujas instalações eram usadas pelos migrantes em primeiro momento para coletar água e usar o banheiro. Este espaço é dotado de grandes árvores que propiciam uma sombra acolhedora já que a cidade é extremamente quente e com ar seco. Sob as árvores, os migrantes aos poucos foram montando tendas e barracas improvisadas.

No início, os migrantes eram bem recebidos pela sociedade como um todo. Foram feitas campanhas de arrecadação de comida, roupas, entre outras coisas. Eram temas que dominavam as redes sociais e os diferentes meios de comunicação entre os anos de 2017 e 2018.

Nesse espaço recebiam ajuda da população civil e instituições públicas e privadas. Até, então a representação social estigmatizada, no sentido proposto por Erving Goffman (1975), do migrante venezuelano, ainda não estava instaurada, tal como aconteceu meses depois. O migrante venezuelano seria responsabilizado por todas as mazelas sociais, políticas e econômicas que já acometiam o estado muito antes da chegada deles.

Já no ano de 2018, com a intensificação da migração e com a representação social criada sobre os venezuelanos, a receptividade da população local não era mais aquela de anos anteriores. Assim, nesse período, no perímetro urbano da capital do estado de Roraima, migrantes venezuelanos agrupam-se à espera de trabalho em pontos estratégicos, dotados de uma sombra a qual viriam a chamar de *maticas*.

Esses espaços serviam como redes migratórias internacionais e nacionais e eram onde eles teciam suas redes sociais no dia a dia (ÂNGELO, 2021). Também era a partir daí que driblavam o processo de exclusão pelo qual os migrantes mais velhos e menos escolarizados estavam submetidos, pois só conseguiam sua interiorização por meio das amizades feitas nas *maticas* ao serem solicitados por aqueles que conseguiam se interiorizar por meio da Operação Acolhida.

Considerações finais

As fontes bibliográficas e os dados de campo foram importantes meios que propiciaram debates para compreender a gênese do movimento migratório ao território brasileiro a partir da cidade Pacaraima e a migração por redes dos venezuelanos. Entende-se que a migração venezuelana teve sua origem nos conflitos internos apoiados por fatores

externos, bem como pelas disputas políticas na Venezuela em decorrência das relações econômicas atreladas à distribuição das riquezas geradas pela venda do petróleo.

Além disso, grande parcela da responsabilidade dessa migração recai sobre o governo Cháves, pois este não modernizou a estrutura econômica no que diz respeito a produção de alimentos, medicamentos, entre outros itens.

A migração venezuelana ao território brasileiro, em um primeiro momento, era apenas de circulação, mas à medida que a crise na Venezuela se intensificou, devido às pressões internacionais fomentadas pelos Estados Unidos da América e pela guerra econômica instaurada internamente, ganhou novas proporções. Muitos chegavam a pé, de carona, táxi e ônibus, todos em busca da sobrevivência e de se inserir na sociedade local, ficando nos sinais, nas ruas, de porta em porta nas residências e nas esquinas da cidade de Boa Vista, em busca de ajuda e/ou de ofertas de trabalho.

Os migrantes cruzavam a fronteira para ficarem até melhorar a situação social, econômica e política, e assim poderem retornar ou trazerem os familiares que foram ficando no país vizinho, caso a situação se prolongasse. Nesse processo, houve uma grande acolhida por parte da sociedade boa-vistense em um primeiro momento, mas, à medida que foram chegando mais migrantes venezuelanos, tornou-se muito visível a discriminação, ao ponto de transformá-los em bodes expiatórios de todos os males que acometiam o estado.

A migração por rede dos venezuelanos teve seu início na Praça Simón Bolívar a partir da qual se expandiu para outros espaços, tais como os abrigos, instituições como as igrejas protestantes e a Católica Apostólica Romana. As *maticas* também funcionam como redes migratórias internacionais e nacionais para os migrantes venezuelanos e partir delas buscam se inserir na sociedade boa-vistense e brasileira como um todo.

Referências

AGIER, Michel. Refugiados diante da nova ordem mundial. *Tempo Social*, v. 18, n. 2, p. 197–215, 2006.

ALMEIDA, Mariana; NEPOMUCENO, Raísa; MIRANDA, Carla. *Migração por sobrevivência: soluções brasileiras*. Brasília: REMHU, 2015.

ÂNGELO, Germano Lopes. *Matica: migrantes venezuelanos e trabalho temporário em Boa Vista-RR*. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2021.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo – as experiências de e/imigrantes em viagens não-autorizadas no mundo global. *Cadernos pagu*, n. 31, p. 219–250, 2008.

BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta. Migração de Crise: a migração haitiana para o Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Belo Horizonte, v. 34, n. 1, p. 73–98, 2017.

BRASIL. *Acolhida*, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/operacao-acolhida>>. Acesso em: 03 mai. 2020.

EGAS, José. *Migrações venezuelanas: a solidariedade com os refugiados começa com todos nós*. São Paulo: Editora UNICAMP, 2018.

FERNANDES, Duval; FARIA, Andressa Virgínia de. O visto humanitário como resposta ao pedido de refúgio dos haitianos. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Belo Horizonte, v. 34, n. 1, p.154–161, 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Sem estrutura boa vista já acolhe mais de 40 mil venezuelanos*. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/01/1954081-sem-estrutura-boa-vista-ja-acolhe-mais-de-40-mil-venezuelanos.shtml>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *A economia de Roraima e o fluxo venezuelano: evidências e subsídios para políticas públicas*. Fundação Getulio Vargas, Diretoria de Análise de Políticas Públicas. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2020. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/02/FGV-DAPP-2020-A-economia-de-Roraima-e-o-fluxo-venezuelano_compressed.pdf>. Acesso em: 25 set. 2021.

G1-RR. *Governo de Roraima pede fechamento da fronteira com Venezuela*. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/04/governo-de-roraima-pede-fechamento-da-fronteira-com-venezuela.html>>. Acesso em: 01 mai. 2023.

G1-RR. *Crise na Venezuela provoca corrida por alimentos na fronteira de Roraima*. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2016/07/crise-na-venezuela-provoca-corrída-por-alimentos-na-fronteira-de-roraima.html>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

G1-RR. *Entenda a intervenção federal em Roraima*. 2018a. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/12/08/entenda-a-intervencao-federal-em-roraima.ghtml>>. Acesso em: 25 mar. 2021.

G1-RR. *Após cortejo, corpo de brasileiro esfaqueado por venezuelano durante confusão é enterrado em Boa Vista*. 2018b. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/Roraima/2018/09/08apos-cortejo-brasileiro-esfaqueado-por-venezuelano-durante-confusao-e-enterrado-em-boa-vista.ghtml>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

G1-RR. *Prefiro morrer de fome na Venezuela do que agredido aqui', diz imigrante atacado por brasileiros na fronteira em RR*. 2018c. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/08/18/prefiro-morrer-de-fome-na-venezuela-do-que-agredido-aqui-diz-imigrante-atacado-por-brasileiros-na-fronteira-em-rr.ghtml>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

G1-RR. *Após cortejo, corpo de brasileiro esfaqueado por venezuelano durante confusão é enterrado em Boa Vista*. 2018d. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/Roraima/>>

2018/09/08apos-cortejo-brasileiro-esfaqueado-por-venezuelano-durante-confusão-e-enterrado-em-boa-vista.ghtml>. Acesso em: 18 mar. 2021.

G1-RR. *Prefiro morrer de fome na Venezuela do que agredido aqui', diz imigrante atacado por brasileiros na fronteira em RR*. 2018e. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/08/18/prefiro-morrer-de-fome-na-venezuela-do-que-agredido-aqui-diz-imigrante-atacado-por-brasileiros-na-fronteira-em-rr.ghtml>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

G1-RR. *Moradores ateiam fogo em objetos e expulsam venezuelanos de prédio abandonado durante protesto em RR*. 2018f. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/moradores-ateiam-fogo-em-objetos-e-expulsam-venezuelanos-de-predio-em-cidade-no-interior-de-rr.ghtml>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

G1-RR. *Entenda a intervenção federal em Roraima*. 2018g. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/12/08/entenda-a-intervencao-federal-em-roraima.ghtml>>. Acesso em: 25 mar. 2021.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

HITNER, Verena. *Uma análise do malogro do modelo de desenvolvimento latino-americano dos anos 1990: os limites internos da Venezuela*. 2011. Dissertação (Mestrado em Integração da América Latina) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-18122012-103652/ptbr.ph>>. Acesso em: 01 jun. 2023.

MARTÍNEZ; PEDROSO; FRANZONI. Trump e a América Latina: a política externa para Venezuela, Cuba e México, MUNDO E DESENVOLVIMENTO. *Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais*. 2018. Disponível em: <https://ieei.unesp.br/index.php/IEEI_MundoEDesenvolvimento/article/view/16>. Acesso em: 01 jun. 2023.

MOREIRA, Gabriel B. *A política regional da Venezuela entre 1999 e 2012: petróleo, integração e relações com o Brasil*. Brasília: FUNAG, 2018.

NASCIMENTO, Jefferson Luís Moreira.; MOREIRA, Beatriz Juana. A Venezuela pela ótica do site Carta Capital: um estudo dos enquadramentos do Governo Maduro, dos grupos de oposição e do passado. *XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*, Belo Horizonte, p. 1–15, 2018.

NAVES, Mônica M.; CÍCERO, Pedro H. de Moraes. *Desigualdade e desenvolvimento na Venezuela: uma análise histórico-contemporânea*. *Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina*, São Paulo, p. 1–14, 2016.

OGLOBO.COM. *Suspeito de assassinar brasileiro, venezuelano é morto a pauladas em Roraima*. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/suspeito-de-assassinar-brasileiro-venezuelano-morto-pauladas-em-roraima-23050893>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. A migração no Brasil: crise humanitária, desinformação e os aspectos normativos. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, v. 13, n. 1, p. 219–244, 2019.

OLIVEIRA, Márcia Maria; SARMENTO, Gilmar; VALERIO, Joel. Perfil migratório venezuelano e demandas por políticas públicas em Boa Vista. In: OLIVEIRA, Márcia Maria de; DIAS, Maria das Graças Santos (Org.). *Coletânea interfaces da mobilidade humana na fronteira Amazônica*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020. p. 20–42.

OTERO, Guilherme; TORELLY, Marcelo; RODRIGUES, Yssyassy. A atuação da Organização Internacional para Migrações no Apoio à gestão do Fluxo migratório Venezuelano no Brasil. In: BAENINGER, Rosa; SILVA, João Carlos Jarochinski (Org.). *Migrações Venezuelanas*. Campinas: Unicamp, 2018. p. 38–44.

SAYAD, Abdelmalek. A ordem da imigração na ordem das nações. In: SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998. p. 265–286.

SILVA, Sidney Antonio da. *Imigração e rede de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil*. 2017. Disponível em: <<https://rebeq.emnuvens.com.br/revista/article/view/873>>. Acesso em: 01 jun. 2023.

SOARES, Weber. *Para Além da Concepção Metafórica de Redes Sociais: fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional*. *Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*, Ouro Preto, p. 1–27, 2002.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. *Tempo Social*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199–218, 2008.

UNHRC ACNUR. *Programa de interiorização*. Disponível em: <<https://help.unhcr.org/brazil/programa-de-interiorizacao/>>. Acesso em: 06 out. 2020.

VILLA, Rafael Duarte. Venezuela: mudanças políticas na era Chávez. *Estudos Avançados*, v. 19, p. 153–172, 2005.

ZERO, Marcelo. Para entender a Venezuela hoje é preciso saber como era antes da revolução bolivariana. *Viomundo*, 2017. Disponível em: <<https://www.viomundo.com.br/politica/>

Marcelo-zero-para-entender-a-venezuela-e-preciso-saber-como-era-antes-da-revolução-bolivariana.html>. Acesso em: 25 set. 2021.

Recebido em 27 de janeiro de 2023.

Aceito em 12 de junho de 2023.